

Arquivos Pessoais de Titulares de Cargos Públicos: Curadoria e Tratamento Técnico

Instituto Fernando Henrique Cardoso, 5 e 6 de novembro de 2007

Comentários à palestra:
“Os presentes recebidos pelos presidentes da República: uma curadoria delicada”, proferida pela. Dra. Danielle Ardaillon

Os objetos e o Presidente: revisitando o lugar do encantamento no acervo de um homem público

Regina Abreu

Ao ser convidada para participar de um Seminário sobre os objetos no Acervo do Presidente Fernando Henrique Cardoso devo dizer inicialmente que o conjunto de minhas reflexões partem de uma mesma fonte: o pensamento antropológico. A Antropologia me deu régua e compasso. Foi a partir deste olhar que me interessei em refletir sobre o lugar dos objetos na vida social. Sendo assim, sou devedora de alguns autores que me antecederam, especialmente de Marcel Mauss que me fez despertar para a força simbólica das coisas e seu poder de encantamento na vida dos homens.¹ O conceito de ‘mana’ formulado pelo antropólogo francês, expressando aspectos pouco visíveis das coisas e a elas subjacentes como honra, prestígio, poder, símbolos de distinção, marcas classificatórias, tornou-se conceito fundante para a compreensão do funcionamento das sociedades tradicionais. Mauss nos ensinou a ver para além ou através das coisas, sinalizando que mais do que a coisa em si o que importa é o seu valor simbólico, o seu valor de troca ou de demarcação social. Desse modo, algumas coisas em certas sociedades adquirem valor sagrado ou valor de culto, expressando relações sociais. A clássica análise do kula trobriandês, sistema de trocas rituais entre tribos na

¹ Mauss, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva”, in: Mauss, Marcel. *Sociologia e Antropologia*, vol. 1, SP, Edusp, 1974.

Melanésia, trouxe elementos instigantes para entender o significado de objetos aparentemente insignificantes como colares e braceletes feitos de pequenas conchas, pequenos demais para serem usados, mas que eram altamente valorizados pelos chefes tribais. Mauss desvendou um enorme circuito por onde circulavam estas coisas que aos olhos ocidentais pareciam tão desprovidas de importância. Neste circuito, atualizava-se um ritual de alianças entre chefes tribais, efetivavam-se trocas de presentes, favores, gentilezas e outros elementos fundamentais para a garantia da paz entre os grupos envolvidos. Os pequenos colares e braceletes circulavam como hoje circulam as imagens de santos entre casas de devotos que as abrigam nos melhores ambientes, cercadas dos maiores cuidados. O que Mauss nos ensina a ver em suas análises sobre os objetos em contextos sociais, é que o que está em jogo e merece o foco de nossa atenção não é nunca a coisa em si, mas tudo aquilo que ela expressa. As coisas são pois elos entre pessoas, culturas, civilizações. De um lado, são expressões metafóricas representando idéias, valores, pessoas. De outro lado, são também expressões metonímicas, ínfimas partes de todos muito maiores que as encompam. As coisas na vida social estão longe de constituírem objetos amorfos. Pelo contrário, estão plenas de significados e de histórias pra contar. Algumas, especialmente, como os colares e braceletes trobriandeses detêm o raro poder de encantar os homens.

Foi partindo deste ponto de vista, e especialmente interessada no poder de encantamento de certos objetos, que passei a estudar a cultura material na vida social. O axioma antropológico central e do qual toda a reflexão deriva é de que coisas estão conectadas a pessoas. Em outras palavras, as coisas são produzidas no contexto de relações sociais. Coisas pressupõem narradores. São eles que as fazem falar. Imaginemos uma região devastada onde apenas houvesse sobrado objetos inertes, desprovidos de suas funções: telefones mudos, televisores quebrados, livros e cadernos escritos em línguas desconhecidas, estantes destroçadas, fragmentos de um mundo desaparecido. Qual o poder de comunicação destes objetos? Como decifrá-los? Como saber sobre suas histórias? A quem pertenciam? Para que serviam? O que fazem ali? Como foram produzidos? Com a morte dos narradores, teríamos um sem fim de perguntas e ninguém pra responder. Os objetos não comunicariam mais nada justamente porque o mundo que lhes dava sentido teria desaparecido.

Neste caso, seria preciso re-encontrar um narrador possível que restaurasse os nexos perdidos ou todos aqueles objetos também estariam fadados ao desaparecimento.²

Ao propor o Seminário “Arquivos Pessoais de Titulares de Cargos Públicos: Curadoria e Tratamento Técnico”, Danielle Ardaillon formulou um conjunto de questões muito instigantes relativas aos sentidos, aos significados, aos valores culturais e históricos de objetos muito diferenciados e que convivem lado a lado no Acervo do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Não tenho respostas prontas para nenhuma delas, mas me sinto profundamente desafiada a pensar em conjunto com os demais colegas sobre o assunto.

O primeiro ponto que merece destaque relaciona-se à proposta de pensar os objetos no conjunto do arquivo, ou seja de pensá-los no contexto de um conjunto informacional, onde documentos de suportes variados devem conversar entre si para que não se percam seus ricos e variados significados. Como pesquisadora, considero da maior importância preservar o nexo das coisas entre si e das coisas com relação a seus narradores. Embora as normas e os procedimentos de higienização e armazenamento dos objetos sejam extremamente importantes, muitas vezes os desmembramentos de coleções por critérios como suporte prejudicam a inteligibilidade dos objetos. Desse modo, os textos impressos, os livros, os relatórios, enfim, o acervo documental propriamente dito é fundamental para que seja possível ler e compreender os significados do acervo tridimensional.

Como decifrar os significados de um vaso? Ou de uma cadeira? Ou de uma escultura em bronze? O que estas coisas querem dizer na coleção onde estão alocadas? A Antropologia nos ensina que ao visitarmos uma aldeia indígena ou um mundo exótico e diferente do que estamos habituados, devemos agir com cautela, desprendendo-se dos nossos pré-conceitos, de idéias pré-concebidas ou de julgamento apressados. O estranhamento pode parecer incômodo a princípio, mas tem se configurado num excelente aliado para a pesquisa etnográfica. Quando visito uma aldeia onde não conheço a

² BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Lescov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

língua, as pessoas, as coisas, onde tudo soa diferente, pouco familiar, por um lado sinto desconforto, por outro lado, posso olhar com certo distanciamento o que me permite ver aquilo que aqueles que vivem na aldeia não conseguem enxergar justamente por excesso de familiaridade. Ao estudar um objeto produzido na aldeia posso também observar sua maneira de ser produzida, sua forma de circulação, suas funções. Quando começo a compreender a língua ou encontro um tradutor, posso conversar com as pessoas, entrevistá-las, descobrir os significados das coisas para a vida das pessoas. Este me parece, pois, ser o segundo ponto a chamar a atenção. O trabalho com os objetos requer o desafio de inquiri-los, indagando sobre suas funções e significados e procurando os meios para responder questões aparentemente ingênuas, mas profundamente reveladoras formuladas somente a partir de um distanciamento propiciatório.

Penso que neste sentido, o Instituto Fernando Henrique Cardoso encontra-se numa situação privilegiada. Os objetos reunidos no acervo são parte integrante de um mundo ainda muito presente, pleno de vida, de relações, de narradores. É possível entrevistar as pessoas, registrar as histórias dos objetos, restituir os significados de cada peça. Os personagens relacionados aos objetos estão vivos, as histórias ainda estão claras nas lembranças de muitos. Seria muito interessante que os pesquisadores envolvidos com a curadoria e o tratamento técnico do acervo investissem sobre a metodologia dos “diários de campo” anotando em detalhes as histórias de todas estas coisas que foram reunidas no acervo. Penso no sugestivo exemplo dos ensaios escritos por Walter Benjamin sobre brinquedos infantis de seu tempo ou sobre as ruas das cidades que freqüentava ou ainda sobre fragmentos aparentemente insignificantes de outros tempos que ele ia descobrindo ao acaso em sua vida cotidiana.³ Aquelas anotações de banalidades a que ninguém dava importância, mas que aos seus olhos expressavam vestígios de um mundo fadado ao desaparecimento e que era preciso registrar, hoje constituem ensaios valiosos, não apenas porque aqueles brinquedos e os que brincavam com eles não existem mais, não apenas

³ BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2002.

porque as ruas mudaram, não apenas porque os fragmentos registrados desapareceram, mas fundamentalmente porque com estes vestígios, o filósofo alemão construiu uma reflexão sobre algumas das conseqüências da era moderna para a vida social. Com o trabalho de pesquisa que nos foi legado por Walter Benjamin ficou não apenas o legado das coisas, mas os significados destas coisas num certo contexto. Devido a certos equívocos entre profissionais do campo da memória que não raro ocupam grande parte do seu tempo dedicando-se à higienização, preservação física e descrição técnica dos objetos, descuidando de inquirir, investigar, refletir e registrar as pequenas histórias relacionadas aos mesmos, muitas vezes, vivenciamos experiências dolorosas em instituições de memória deparando-nos com objetos curiosos, exóticos ou requintados para os quais temos apenas informações técnicas que não respondem a questões fundamentais: - para que serviam? Como eram feitos? Quem os utilizava? Em suma, quais os seus significados de um ponto de vista social?

Então, voltando ao tema da Curadoria e do Tratamento Técnico do Acervo reunido no IFHC, gostaria de sugerir que fosse privilegiada a pesquisa sobre o uso social dos objetos recuperando suas narrativas principalmente do ponto de vista do Presidente e daqueles que protagonizaram de algum modo a vida social dos objetos antes que estes fossem incorporados ao acervo do Instituto.

Outro aspecto que merece ser sublinhado e que aparece como um desdobramento da metodologia de pesquisa com acervo de cultura material que estou propondo, refere-se ao fato de que mesmo após ingressarem nos acervos os objetos continuam potencialmente vivos. Ou seja, os objetos incorporados a instituições de memória saíram da vida social não para a morte, mas pelo contrário para adquirir mais vida, embora seja uma espécie de outra vida. Pomian em artigo clássico sobre coleções assinala que os objetos em instituições de memória perdem seu valor de uso e se transformam em semióforos – objetos com forte valor simbólico. Transformam-se em objetos com forte potencial evocativo.⁴ Entretanto, uma coroa real, um leque, um

⁴ POMIAN, Krzstof. Coleção. In: *Memória-História*. Enciclopédia Einaudi, v. 1. Ed. Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997.

manto, uma caneta, uma estátua em bronze ou qualquer outro objeto depositado num acervo pode simplesmente permanecer trancado em uma reserva técnica empoeirada ou fria ou pode ser manuseado, exibido, estudado e dar origem a novas atividades de pensamento e memória. Curadores de acervos e profissionais da memória são responsáveis por estimular a vida de objetos retirados de certa circulação social, mas que passam a circular em outras esferas como salas de exposições, pesquisas, mercados de arte e de antiguidade. É tarefa dos profissionais da memória fazer com que os objetos já destituídos de valor de uso potencializem suas forças simbólicas e evocativas para que eles continuem a circular, inquietar, provocar. Para isto, além da recuperação das narrativas primeiras, aquelas que são anteriores à chegada dos objetos aos acervos, é preciso ampliar as narrativas dos objetos já dentro do contexto dos acervos narrando e registrando suas trajetórias em exposições, pesquisas e usos diversos. Falo de uma espécie de memória institucional do acervo que tem se revelado muito importante em nossos dias. No Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da USP, por exemplo, há um rico acervo de objetos indígenas e, entre eles, objetos resultantes de pesquisas conduzidas pela antropóloga Lux Vidal. Em Seminário recente, Lux nos relatou o quanto foi importante para a construção de uma memória dos grupos indígenas pesquisados por ela e para a construção de uma memória de sua própria pesquisa, as anotações relativas à vida das peças no MAE. Num certo sentido, podemos dizer que ao trabalharmos com objetos em acervos de instituições de memória nós também construímos nossa própria memória e a memória quase sem fim de todos estes objetos. Este aspecto projeta estas instituições para o futuro rompendo com a idéia dos acervos como lugares do passado e da nostalgia. Devemos construir acervos para inquietar, problematizar, provocar, fazer pensar, estimular a circulação de coisas, pessoas e idéias e não para cultuar pessoas, épocas, objetos. Para isto, ampliar as narrativas sobre os objetos me parece fundamental, seja ampliando a pesquisa em torno dos objetos, seja ampliando as exposições, seja realizando seminários, filmes e quaisquer outros meios que a tecnologia puder colocar ao nosso alcance.

Ao visitar o Instituto Fernando Henrique Cardoso, devo dizer que fiquei muito bem impressionada com a exposição “Cartas ao Presidente”. São cartas

expressivas, algumas surpreendentes como a carta que pede ao Presidente 100 reais para pagar a prestação de uma geladeira. Esta pequena exposição pode se desdobrar em muitas questões interessantes. Podemos por exemplo refletir sobre o lugar de um Presidente da República no imaginário social. Ampliando as narrativas sobre os objetos alargamos seus sentidos. Podemos iniciar uma pesquisa sobre um objeto, procurando desvendar novos sentidos e significados anteriormente não contemplados. O fotógrafo Evandro Teixeira realizou uma foto emblemática da famosa “Passeata dos 100 mil” em 1968 no Rio de Janeiro. Pois bem, para comemorar os quarenta anos desta foto, ele decidiu buscar pessoas anônimas que apareciam na foto e indagar sobre suas trajetórias passados quarenta anos. Todo este material resultou numa exposição e num livro que certamente contribuirão para alargar o sentido original da foto, trazendo novos significados, novas possibilidades de leitura deste objeto emblemático com forte potencial evocativo. A Professora Lux Vidal da USP, já citada, trouxe as lideranças indígenas do Oiapoque para o Museu de Arqueologia e Etnologia para refletir sobre os objetos coletados por ela em suas pesquisas de campo nesta região. Do encontro destas lideranças com os profissionais do museu estão sendo produzidas novas exposições e novas narrativas sobre o uso contemporâneo de antigos objetos, o que revitaliza a coleção, o museu e abre novas perspectivas de pesquisa e de pensamento.

Mas, voltando ao caso específico do acervo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, há uma outra questão importante sinalizada por Danielle Ardaillon que eu gostaria de comentar. “Como dar sentido a um bric-à-brac de objetos tão díspares?” – indaga a curadora do acervo. Ou seja, constata-se a forte heterogeneidade no acervo reunido no IFHC. Entretanto, a própria Danielle sugere algumas pistas para que possamos nos mover neste território aparentemente tão árido. A própria exposição “Cartas ao Presidente” nos dá indícios que é possível discernir algumas categorias ou alguns critérios que nos permitam agrupar o acervo ou encontrar algum sistema de classificação que confira maior inteligibilidade aos objetos. Aqui a noção de coleção me parece útil. Trata-se sim de uma coleção. Ainda que não encontremos o tipo ideal do colecionador que reúne os objetos de sua preferência, o acervo do Presidente é o fruto de sua trajetória, das relações que estabeleceu, das ações que empreendeu. O acervo expressa esta trajetória política e pessoal. É fora de

dúvida que os objetos adquirem significados se relacionados a esta trajetória. Estes podem, portanto, serem ordenados e acordo com a trajetória biográfica do titular da coleção. A própria curadora nos remete a algumas classes de objetos: “souvenires” da família Cardoso; objetos de uso pessoal; honrarias; medalhas comemorativas; material de propaganda eleitoral; objetos decorativos; presentes. Este primeiro esboço de classificação me parece sugestivo. De um lado, há um aspecto de ordem geral: todas estas classes de objetos referem-se a uma trajetória biográfica. De outro lado, há aspectos distintivos, particulares, sui-generis destas classes de objetos entre si. Eles não dizem exatamente a mesma coisa. Voltando à metáfora do antropólogo que chega na aldeia e procura desvendar o sentido de coisas e pessoas, é preciso fazer o exercício do distanciamento e começar por buscar desvendar o personagem central com o qual todos os objetos da coleção estão relacionados. Este personagem não pode figurar como um dado natural, aparentemente já conhecido. Talvez seja rentável estranhá-lo, inquiri-lo. “Quem é afinal este personagem que congrega tantos objetos carregados de tantos simbolismos?” O ponto central é que este personagem é um “homem público”, um chefe político, uma liderança social. Neste sentido, há uma equação que se impõe permanentemente no horizonte: a equação que associa este personagem a uma coletividade. No caso, este “homem público” está associado a certa idéia de nação, ele representa de algum modo e num certo período um projeto nacional, ou seja; sua figura e seu acervo nos remetem a uma espécie de mitologia nacional. O mito da nação nos é ritualmente atualizado por intermédio da figura do Presidente e de seus pertences. Que mito é este? O mito de que todos fazemos parte de uma comunidade construída (ou uma comunidade imaginada para usar a expressão de Benedict Anderson). Nós, enquanto membros de uma sociedade que se constrói cotidianamente, que necessita afirmar seus laços e enfatizar seus pontos de ligação precisamos de referências. A trajetória do Presidente é, pois, não uma trajetória biográfica unicamente individual, ela é social, nacional. Recorrendo à teoria dos mitos, percebo que o lugar social ocupado por um Presidente da República é um lugar estrutural para uma sociedade moderna como a sociedade brasileira. Este ponto é muito importante: um Presidente ocupa ritualmente por um período um lugar de unificação das diferenças encarnando

um coletivo. Coletivo este que está em permanente estado de dissolução e unificação; coletivo este que se encontra em movimento e conflito. O que a representação de uma trajetória biográfica expressa, seja por meio de um livro biográfico, seja por meio de uma exposição de objetos e documentos é exatamente este momento preciso de unificação de uma sociedade diversa em torno de um projeto comum.

Recentemente, tive a oportunidade de participar de um ritual, o ritual do Kuarup no Parque do Xingu. O Kuarup é um ritual que marca o término do luto pela morte de um cacique. Na ocasião, celebra-se a ligação cósmica da linhagem dos caciques com o ser supremo que lhes deu origem. Todos são originários deste tronco comum e a eles retornam após a morte. Não é por acaso que o ritual do Kuarup tem início com a retirada de um tronco de uma árvore sagrada. O tronco é parte integrante de um todo maior: a árvore com suas raízes, seus galhos, sua copa, suas flores, suas folhas, seus frutos. O tronco, ao contrário do que habitualmente se pensa, não representa o indivíduo cacique que morreu. O tronco explicita a relação do cacique morto com um contexto cósmico holista. Todo cacique é como um tronco de uma árvore sagrada, ele é parte de um todo maior. Não importa seu rosto, suas feições, suas características individuais. O que se rememora e se afirma no ritual do Karup é a relação de continuidade entre o cacique que já morreu e o outro que ocupará o seu lugar social na aldeia. Rememora-se e afirma-se também a relação do lugar social do cacique com a divindade cósmica que o originou. Entre os Yawalapti, por exemplo, os caciques são oriundos de Mavutsnin, o grande criador cósmico.

Também não é por acaso que ao final do ritual este tronco é lançado de volta às águas do rio, retornando às águas de onde a própria vida se originou segundo a mitologia. A metáfora holista da ligação cósmica dos caciques com a origem da própria vida é significativa. São os caciques as autoridades máximas das nações indígenas, são eles que desempenham o duplo papel de liderar a interação do grupo com o mundo exterior e de manter a coesão interna do grupo.

Os caciques tal como os homens públicos e, especialmente, os líderes políticos participam ativamente de uma série de rituais. Estes rituais são importantes para selar alianças com grupos externos, reforçar a solidariedade

interna do grupo, manter a autoridade das instituições e dos próprios chefes. Destes rituais fazem parte um sem número de objetos. O que os caracteriza é muito mais a qualidade de serem semióforos, ou seja, objetos com forte conteúdo simbólico, do que suas características de valor de uso. Os objetos relacionados a rituais conduzidos por chefes (reis, presidentes, caciques) estão investidos de uma força mágica. Eles servem para afirmar valores, notadamente as regras de solidariedade e de reciprocidade entre os povos. Desse modo, objetos despojados, como um tronco, podem ter a mesma força simbólica de uma coroa ricamente adornada. O tronco do kuarup permanece durante cerca de um mês no centro da aldeia sendo reverenciado por todo o grupo indígena que protagoniza o ritual, bem como por todos os convidados de outros grupos. A coroa real é objeto de reverência por todos os súditos, bem como pelos estrangeiros que devem respeitar o poder do soberano ali investido. Quando tratamos dos objetos de um chefe de Estado, não seria exatamente sobre esta força mágica –que Marcel Mauss chamou de mana– que deveríamos focalizar nossa atenção? Os objetos que estão investidos de mana representam forças perenes para além dos indivíduos efêmeros.

Em ensaio sobre a magia, Marcel Mauss identificou a importância dos ritos para a difusão de certas idéias-força, bem como a importância da associação de certos objetos a estas idéias-força. Descrevendo rituais em sociedades tradicionais, Mauss elaborou a teoria de que as sociedades necessitam de ritos para afirmarem certas crenças que garantem a solidariedade social. Os ritos só são eficazes se provocam algum **encantamento** e esta palavra é chave para a manutenção da autoridade tanto do feiticeiro como do chefe tribal. E eu diria que também é essencial para a autoridade do arquivo ou qualquer outro meio de preservação da memória. Há certo tipo de coisas ou de objetos que entram neste processo numa relação metonímica direta com seu possuidor. A coisa que pertence ou pertenceu a um feiticeiro ou a um chefe tribal é parte dele e desse modo está investida de sua magia ou de sua autoridade. **Haveria entre as coisas e os feiticeiros ou chefes tribais uma espécie de matrimônio místico que faz com que associemos coisas e pessoas em certas situações.** Mauss relata a associação que se faz entre os santos e as imagens destinadas a representá-los ou entre os santos e fragmentos de objetos que os cercaram em vida, as

chamadas **reliquias**. Estas nada mais são do que expressões metonímicas do mana de onde deriva a autoridade destes seres considerados especiais. Esta relação de contigüidade entre pessoas e coisas é assegurada por uma espécie de idéia de continuidade mágica entre os dois.

Assim, os objetos que fazem parte de um acervo de um presidente da República não dizem respeito apenas a uma trajetória singular, individual, mas da trajetória de um homem público, um indivíduo que representa uma coletividade. Eles dizem respeito a certos atos e rituais importantes para a construção e manutenção desta entidade chamada nação. É evidente que se manifestam nos objetos alguns traços individuais, singulares de cada presidente, mas isso não pode ser o mais importante no trabalho de construção da memória social.

Outro aspecto a destacar relaciona-se ao fato de que a função de Presidente da República não é exercida apenas por um indivíduo. Ela faz parte de um elo de uma corrente muito mais ampla. Neste sentido, é importante situar o Presidente em questão nesta ampla e longa linhagem que se perpetua através dos tempos. Situado desta forma, serão possíveis contextualizações e comparações. É possível perceber o período, os estilos, as obras, as questões, os principais temas e provocar reflexões a partir dos objetos se mantivermos no horizonte este eixo de **comparabilidade histórica**. Parece-me boa a estratégia de trabalhar em rede com outras instituições/ museus que guardam acervos presidenciais para ir mais longe com as comparações possíveis (Museu da República, Memorial Getúlio Vargas, Memorial JK, Memorial José Sarney, entre outros).

Uma vez analisado o aspecto geral que une todos os objetos da coleção, uma vez situado o papel chave que o lugar de Presidente da República do titular da Coleção confere ao conjunto da coleção, passemos a um exercício de classificação um pouco mais detalhada dos objetos reunidos no Acervo. Começemos com os “presentes”. Os presentes integram um ritual importantíssimo para um chefe de Estado: o ritual da reciprocidade. É este ritual que mantém as relações diplomáticas entre as nações. Os presentes são obrigatórios e expressam a obrigatoriedade das relações de troca entre nações soberanas: a obrigação de dar, a obrigação de receber e a obrigação de retribuir. Aparentemente, são objetos destituídos de grandes significados, uma

vez que expressam relações obrigatórias. Entretanto, é possível abrir caminho para reflexões importantes sobre as nações que foram privilegiadas num dado governo, as relações que foram estabelecidas, as trocas comerciais e simbólicas efetivadas. O presente ou a dádiva (dom, doação, donativo) são apenas sinais de relações de prestações e contraprestações muito mais extensas e complexas. Trata-se de desvendá-las e enunciá-las. Aqui retorno minha sugestão de que o curador é também um narrador, um construtor de memória. Como assinalou Marcel Mauss não há nada mais significativo entre duas nações do que as relações de trocas rituais e recíprocas. **Uma pesquisa em jornais e documentos do Governo contribuirá para explicitar diferentes sentidos do conjunto de trocas simbólicas e rituais das quais os presentes são como pontas de enormes icebergs.**

A categoria presente guarda ainda um outro significado semântico: o ato de estar presente, a afirmação da presença de alguém num ambiente. Expressa ainda o tempo presente que se distingue de um tempo passado ou futuro. Os presentes que um chefe de Estado oferece para outro chefe de Estado obedecem escolhas, seleções e expressam significados associados a certas representações simbólicas das nações: um saco de café, um boi em bronze ou uma vestimenta típica são exemplos destas expressões simbólicas da nacionalidade.

É preciso insistir sobre o aspecto já comentado anteriormente da indivisibilidade do acervo: um conjunto de objetos relacionado a uma trajetória de um homem público configura um todo. Não há como seccioná-lo, se não queremos correr o risco da perda de significados. O entendimento do acervo implica aqui a idéia de **coleção**. Coleção não necessariamente quer dizer escolha do sujeito ou do colecionador. **Numa coleção de um homem público, opera-se uma relação inversa: é a coisa que escolhe o seu possuidor.** Neste caso, a idéia que comumente temos do sujeito dotado de vontade e poder de escolha não se adequa. O homem público e, particularmente, um presidente da República é um sujeito cuja vontade própria cedeu lugar a outras forças. Trata-se de um indivíduo que representa um todo no sentido holista. Assim, ele não mais escolhe as coisas que irá incorporar. Estas se impõem ao longo de sua permanência no cargo. É este aspecto que interessa preferencialmente.

E, em se tratando de um conjunto indivisível, torna-se vital relacionar os objetos com outros documentos do acervo capazes de trazer maior inteligibilidade sobre os mesmos: Para compreender os sentidos de um acervo presidencial é fundamental o acesso a outros documentos da trajetória política do presidente. Atas de Governo, notícias de imprensa e periódicos, artigos, correspondências, fotografias, depoimentos, enfim, o maior número de informações relativas aos atos de governo e à aquisição dos objetos é sempre bem-vinda.

Um ponto muito importante que deve ser sublinhado: a procedência dos objetos. Como aquele objeto chegou ao acervo? Cada objeto tem uma trajetória, uma biografia. Como decifrar, por exemplo, a entrada de uma pequena coleção de arte popular na coleção? Por que ela está ali? Que artista a confeccionou? Por que foi escolhida para ser presenteada ao presidente? Quem presenteou? Com que interesses e objetivos?

A circulação dos objetos é tema destacado por alguns antropólogos contemporâneos como James Clifford e Arjun Appadurai.⁵ Um cocar indígena confeccionado para um ritual do Kuarup no Parque Nacional do Xingu pode ser transacionado durante o ritual sendo deslocado da aldeia para compor o acervo de um museu na Europa. Um mesmo objeto pode vir a ser exibido como objeto de arte ou como objeto étnico ou como objeto histórico. James Clifford chama a estas circulações de diferentes sistemas de arte e cultura. É preciso compreender como funcionam estes sistemas, como eles se engendram. É preciso compreender como as diferentes circulações dos objetos por diferentes sistemas agregam novos valores aos objetos. Uma generosa doação a um chefe de Estado pode estar significando a agregação de valor a um artista ou a um produtor de arte que terá seu objeto incluído numa coleção extremamente valorizada simbolicamente.⁶

Um objeto pode também servir como símbolo de distinção, demarcando o pertencimento do chefe de Estado num grupo seletivo de indivíduos, numa

⁵ CLIFFORD, James. "Museologia e contra-História: viagens pela costa noroeste", in: Abreu, Regina; Chagas, Mario (org.) Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj, 2003, p. 255-302; APPADURAI, Arjun (Ed.) *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

⁶ Clifford, James. "Colecionando Arte e Cultura". Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 23, 1994, p. 69-89.

linhagem de políticos, num grupo de pares. Por exemplo, na coleção de um político da Primeira República estudada por mim verifiquei a inclusão na coleção de uma adaga de caça que havia pertencido ao rei Luis XVIII da França.⁷ Esta peça funcionava como um **troféu** expressando a inserção do titular da coleção em grupos restritos da aristocracia. A adaga havia passado pelas mãos de nobres da aristocracia francesa até parar nas mãos do Duque de Nemours, pai do Conde D'Eu que havia se casado em 1864 com a Princesa Isabel do Brasil. O Duque de Nemours, por sua vez, havia presenteado uma pessoa próxima do titular da coleção, um aristocrata próximo ao Imperador D. Pedro II, o Barão Moniz de Aragão. Este veio a presentear Miguel Calmon, o político republicano do qual eu me ocupava. Este e outros objetos me sinalizaram o fato de que embora se tratasse de um político da Primeira República, eram fortes os laços que ligavam membros das elites políticas republicanas com setores das elites aristocráticas próximas ao Imperador já deposto.

Há muitas **classes de objetos** que figuram numa coleção de um homem público e especialmente de um chefe de Estado: **objetos simbólicos e distintivos da condição de chefe de Estado** que sinalizam o lugar social do indivíduo em questão (como o tronco do Kuarup); **reliquias** onde se evidencia uma relação metonímica entre a coisa e seu possuidor como se uma fosse parte da outra; **troféus** que sinalizam conquistas, símbolos de distinção e pertencimento a um grupo social.

O estudo da articulação da **coleção** com a **trajetória biográfica** do seu titular não é uma tarefa simples. Hoje, já existem muitos ensaios críticos e reflexivos sobre biografias e histórias de vida que nos auxiliam a manter uma relação de distanciamento com o biografado, necessária para uma análise sociológica ou antropológica de coleções de homens públicos. Entre estes textos, está o de Pierre Bourdieu, "A ilusão biográfica", onde o autor nota que uma biografia ou uma história de vida é sempre uma construção possível, que existem muitas maneiras de relatar uma trajetória pessoal. O que se enfatiza ou o que se oculta, o que se lembra e o que se esquece não são decisões neutras. Elas fazem parte de políticas da memória. É bom lembrar que a

⁷ Abreu, Regina. A Fabricação do Imortal. Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil. Rocco, Lapa, 1996.

memória também nunca é totalizante, completa. Pelo contrário, ela é sempre parcial, fragmentária, circunstancial. Bourdieu aponta algumas alternativas para não cedermos às seduções das celebrações fáceis a que as histórias de vida de biografados eminentes podem conduzir. Uma destas alternativas consiste em trabalharmos com outras histórias de vida de contemporâneos em posições semelhantes, no caso com outras histórias de vida de homens públicos ou mesmo de presidentes. O efeito da **comparação** é muito útil para uma relativização necessária. Outra alternativa consiste em focalizarmos o contexto sócio-histórico do biografado e trabalharmos com a idéia de **campo de possibilidades**. Qualquer personagem é fruto do seu tempo e lugar e não pode ser analisado fora da idéia de contexto. Uma vez palmilhado o campo de possibilidades, uma terceira alternativa para a relativização necessária à análise é incluir como instrumental metodológico a noção de **projeto**. Dado um campo de possibilidades quais as escolhas efetivas que o biografado fez? Como fez estas escolhas? Em que elas redundaram? Quais as suas articulações? Quais os seus pares? Quais os seus interlocutores? Com quem disputava? Quais os seus opositores? Estes procedimentos auxiliarão a tratar o tema da história de vida do biografado num terreno mais próximo daquele onde os personagens são de carne e osso, evitando o grande perigo da mitificação.⁸

Estudar uma coleção de objetos de um homem público, organizar o acervo de um homem público não pode ser um meio para a construção de um mito ou para a celebração fácil. Isto não quer dizer que não se possa manter com o titular da coleção uma relação de admiração e respeito que me parece útil e pertinente. Afinal, para que produzir as memórias de um personagem político? (para que preservar?) Há sempre um sentido cívico nestas memórias, elas de algum modo expressam as qualidades de um indivíduo com um percurso próprio e bem sucedido. De algum modo, as ações dos indivíduos podem servir também de exemplo para gerações futuras e não há nada de problemático nisso, pelo contrário. O problema é não nos deixarmos seduzir pela celebração e o culto cego às personalidades, deixando de lado o enorme potencial do acervo para estudo e reflexão. As coleções de homens públicos

⁸ Bourdieu, Pierre. “A ilusão biográfica”, in: Ferreira, Marieta de Moraes (org.) *Usos e Abusos da História Oral*, ed. FGV, 2001. Ver também: Abreu, Regina. *O Enigma de Os Sertões*, ed. Rocco, Funarte, 1997.

neste sentido podem ser vistas como um misto de monumentos e documentos (ver Jacques Le Goff). Não há como fugir a certo aspecto de monumentalização dos indivíduos, mas as coleções devem também servir para a reflexão sobre estes personagens e o período em que viveram e se constituíram.⁹

Esta questão nos remete ao sentido da preservação: “-preservar para que?” Esta questão adquire importância primordial em nossos dias quando vivemos cercados por uma crescente obsessão pela memória. Quando tudo se quer memorializar, é a memória mesma que se vê ameaçada. Afinal, como no conto de Borges, “Funes o memorioso”, aquele que tudo lembra na verdade é paradoxalmente aquele que perdeu a capacidade de memória. Pois a memória é exatamente a capacidade de discernir entre o que guardar e o que descartar. Se guardamos tudo evidenciamos uma crise de valores. Não sabemos mais o que realmente importa guardar, valorizar, sublinhar. Visando indicar uma saída diante deste impasse, Andréas Huyssen propõe o conceito de “rememoração produtiva”.¹⁰ Por “rememoração produtiva”, ele entende o trabalho de memória que tem objetivos políticos e sociais claros. Huyssen cita o trabalho de memória de grupos políticos. A memória neste caso é um instrumento com finalidades precisas. Pensemos no caso do grupo “Tortura nunca mais”. Este grupo guarda um arquivo dos atos praticados durante a ditadura militar para enfatizar a noção de direitos humanos. Para eles, é preciso lembrar aquilo que se quer esquecer (os atos de tortura) para combater todas as formas de arbítrio sobre os seres humanos. O conceito de rememoração produtiva pode ser útil no caso da memória do Presidente Fernando Henrique Cardoso. O acervo, assim como a trajetória do Presidente, não são neutros. Eles estão carregados de significados e valores. A meu ver, o sucesso da curadoria está ligado exatamente à capacidade de expressar estes significados, valores, emoções, conflitos. Há combates, projetos, debates, ideais que podem ser realçados. A noção de democracia com o empenho no fortalecimento das instituições democráticas, o desafio em manter a soberania

⁹ Le Goff, Jacques. “Memória” e “História”, in: Enciclopédia Einaudi, vol 1, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Porto, 1984.

¹⁰ Huyssen, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

dos Estados-nações em tempos de globalização, os interesses comerciais e econômicos, as conquistas, e assim por diante. Há algumas idéias-força que é preciso desvendar e nelas investir. Mas é preciso também incluir os diferentes pontos de vista e a noção de uma memória aberta a permanentes interpretações.

Por fim, há que se indagar: “-preservar para quem?” O acervo e a trajetória de um presidente da República devem constituir o patrimônio do conjunto dos cidadãos de um Estado-nação. Esta afirmação não deve servir como figura de retórica. É preciso que efetivamente estes cidadãos se interessem por visitar esta memória e delas se apropriem como uma memória nacional ativa. Como despertar o conjunto da população para um acervo que certamente pode reforçar o sentido de pertencimento a esta comunidade imaginada que conhecemos pelo nome de nação? Esta não é uma tarefa fácil. Trata-se de um grande desafio, mas que certamente trará contribuições da maior importância para todos nós, cidadãos deste continente chamado Brasil. E é por conduzirem este empreendimento com coragem, elegância e estímulo ao pensamento que eu parabeno a curadora do acervo Danielle Ardaillon e a equipe do Instituto Fernando Henrique Cardoso.

Bibliografia

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal. Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*. Rocco, Lapa, 1996.

_____. *O Enigma de Os Sertões*, ed Rocco, Funarte, 1988

_____. "O vestido de Maria Bonita e a escrita da História nos museus".

In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. 34, 2002. p. 189-194.

APPADURAI, Arjun (Ed.) *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2002.

BOURDIEU, Pierre "A Ilusão biográfica". In: *Usos e Abusos da História Oral*, ed. FGV 2001.

- CLIFFORD, James. "Museologia e contra-História: viagens pela costa noroeste", in: Abreu, Regina; Chagas, Mario (org.) *Memória e Patrimônio. Ensaíos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj, 2003, _____ . "Colecionando Arte e Cultura". In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 23, 1994, p. 69-89.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. "Memória" e "História", in: *Enciclopédia Einaudi*, vol 1, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Porto, 1984.
- MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva", in: Mauss, Marcel. *Sociologia e Antropologia*, vol. 1, SP, Edusp, 1974.
- POMIAN, Krzstof. Coleção. In: *Memória-História*. Enciclopédia Einaudi, v. 1. Ed. Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997.
- STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- STOCKING, George. *Objects and Others. Essay on Museums and Material Culture*. London, The University of Wisconsin Press, 1985.